



Aprendendo na prática com pescadoras, lagoas e camarões: reflexões a partir da interlocução entre Educação Ambiental e Antropologia

Liza Bilhalva Martins¹

Gianpaolo Knoller Adomilli²

Resumo

Este trabalho parte da experiência de pesquisa com pescadoras embarcadas da pesca artesanal lagunar no sul do Rio Grande do Sul e tem como objetivo, a partir de novos horizontes de compreensão - *epistemologias ecológicas e feministas*, apresentar e refletir em torno do viver relacionado à atividade pesqueira, mais especificamente a pesca do camarão no estuário da Lagoa dos Patos praticada por uma pescadora. Tendo como base o material etnográfico, tratamos de tomar o saber da mulher pescadora não como um conhecimento sobre o mundo, mas considerar regimes de conhecimento que se produzem com o mundo, recusando, assim, a externalidade do sujeito do conhecimento situado fora da natureza e dos seus objetos de conhecimento. A interlocução entre as áreas da Antropologia e Educação Ambiental nos auxiliam, no sentido de pensar em termos de processos de aprendizagens com fins de compreensão da produção e reprodução dos modos de saber/fazer a pesca junto às coisas no mundo e, sobretudo, no potencial crítico ao sistema moderno capitalista, patriarcal, exploratório e tecnocientífico.

Palavras-chave: pescadoras embarcadas, aprendizagem, educação ambiental, Antropologia

Introdução

Este trabalho parte da experiência de pesquisa com pescadoras embarcadas da pesca artesanal lagunar no sul do Rio Grande do Sul³ e tem como objetivo, a partir de novos horizontes de compreensão, apresentar e refletir sobre como as mulheres fazem a pesca, mais especificamente, a pesca do camarão na Lagoa dos Patos, localizada no extremo sul do Brasil. A interlocução entre as áreas da Educação Ambiental e Antropologia, nos auxiliam a pensar em termos de processos de aprendizagens (Lave 2015), com fins de compreensão da produção e reprodução dos modos de saber/fazer a pesca junto às coisas no mundo e, sobretudo, no potencial crítico que o tema traz no que se refere ao sistema moderno capitalista, patriarcal, exploratório e tecnocientífico. Educação democrática não é a produção do anonimato, mas sim

¹ Mestra em Antropologia Social e Cultural/UFPEL e doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande/FURG.

² Doutor em Antropologia/UFRGS, professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande/FURG

³ Pesquisa de doutorado da autora, intitulada “Lagoa de Mulheres: Pescadoras artesanais embarcadas no/do sistema lagunar costeiro do Rio Grande do Sul”, iniciada em 2018 junto ao PPGA – FURG. Agência Financiadora CAPES.

da diferença (Ingold 2020).

Desenvolver pesquisa com pescadoras da pesca embarcada artesanal lagunar, significa pesquisar com mulheres que atuam desde a etapa da captura do pescado, de forma embarcada, em águas interiores. O diferencial da temática reside no fato de que as interlocutoras da pesquisa exercem atividade socialmente, culturalmente e politicamente associadas aos homens (pesca de captura) e, portanto, são essas mulheres que acabam subvertendo de forma mais radical a ordem imposta pela sociedade moderna. Segundo a literatura que inaugurou os estudos sobre pesca e mulher no Brasil (Beck 1991; Woortmann 1992; Alencar 1991), há uma “suposta” divisão sexual do trabalho nas comunidades de pesca e, portanto, na cadeia produtiva, estariam as mulheres em terra e os homens nas águas.

Essa modelação tende a reforçar dicotomias e hegemonias quando faz operar a distinção das atividades e dos espaços de acordo com os gêneros. A atividade de captura, considerada mais significativa para a economia do grupo, a mais valorizada, a que requer “força e coragem”, acaba por ser atribuída aos homens, colocando as mulheres em segundo plano, relegadas à categoria de “ajudantes de pescador”. Esse enquadramento contribui significativamente para o processo de invisibilização destas mulheres, que se dá tanto pela sociedade, como pelas comunidades em que estão inseridas, pelo poder público e em certas situações até por elas mesmas, as quais encontram dificuldades em se autorreconhecerem. Soma-se, aqui, a própria academia, através da escassa atenção ainda dispendida em pesquisas sobre os temas mulher, gênero e pesca, o que nos permite afirmar que o primado da invisibilidade permeia também o olhar hegemônico de pesquisadores e pesquisadoras (Alencar 1993; Motta Maué 1999).

Superamos esse modelo assumindo uma posição metodológica e epistemológica na pesquisa através da aproximação com o universo da pesca e, sobretudo, com as pescadoras, observando e participando das práticas e dinâmicas sociais e produtivas. No momento em que fizemos isso, enxergamos as pescadoras e todas as relações que estabelecem com seus ambientes, bem como as relações que os ambientes estabelecem com elas, uma vez que quando pesquisamos, estamos falando a partir do lugar que estamos vivenciando e, também, num dado interesse no destino - romper com as hegemonias que o tema traz.

Para isso, adotou-se na investigação duas áreas de convergência de novos horizontes de compreensão, que são: as *epistemologias ecológicas* (Steil & Carvalho 2014) e as *epistemologias feministas* (Lugones 2014; Segato 2012; Hooks 2019; Audre Lorde 2019).

Steil e Carvalho (2014), nomeiam de *epistemologias ecológicas* as orientações de diferentes campos científicos, apoiados na filosofia, antropologia, sociologia, que contribuem para construir as pesquisas e práticas pedagógicas que prezam pela horizontalidade nas relações

entre humanos e não humanos colocando em questionamento as dicotomias modernas: sujeito – objeto, corpo – mente, natureza – cultura, realidade – imaginação, humanos – não humanos. Esses movimentos contemporâneos rejeitam as tradicionais teorias cognitivas de que aprendemos pela *transmissão de representações* e defendem que a *educação se dá pela atenção* – termo cunhado por Ingold (2010) no engajamento/comunhão contínuo no ambiente.

Aliado a essa perspectiva de virada epistemológica, consideramos também que o pensamento generificado e o conhecimento corporificado e situado nos levam a assumir epistemologicamente a vertente feminista, a qual significa ir além de um recorte temático ou acrescentar um capítulo sobre mulheres nos estudos. A *epistemologia feminista de perspectiva decolonial* (Lugones 2014; Segato 2012; Hooks 2019; Audre Lorde 2019), nos orienta a pensar a categoria gênero na sua materialidade, ultrapassando o campo da representação e ir ao encontro da experiência da mulher na sua particularidade – *quem são as pescadoras, o que elas fazem e como fazem* - bem como na interseccionalidade com as categorias de classe, raça e geração. Entendemos que prestar a atenção nas diferenças e particularidades, nos conduz a compreender com as pescadoras, as estruturas que sustentam a opressão/exclusão e, sobretudo, o potencial criativo e subversivo advindo da experiência da mulher no mundo da pesca, a produção e reprodução desse modo de vida a partir do engajamento de corpos femininos no ambiente.

1. *Pesquisar e pescar com pescadoras*

As epistemologias feministas e ecológicas, consideradas como novos horizontes de compreensão e percepção, apresentam-se como noções necessariamente plurais, pois reivindicam a materialidade e autonomia do mundo e, assim, escapam da perspectiva representacional, libertando o conhecimento da mente humana e centrando na ação. Nessa linha, entendemos que a identidade das pescadoras não vem do campo da representação, mas sim, da presentificação. Diante disso, nos interessa conhecer e compreender como as pescadoras fazem no percurso da vida, tornando-se o que são, na relação com todos que compõe a ambiência da pesca. Nesse sentido, Steil e Carvalho nos dizem a respeito das epistemologias ecológicas:

Conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional. Torna-se, assim, impossível dissociar

a mente do corpo, a cultura da natureza, o conhecimento da experiência. Para conhecer, a partir da perspectiva ecológica, é necessário estar imerso na matéria e no mundo através do engajamento contínuo no ambiente. (Steil & Carvalho 2014: 164. Grifo nosso).

Entendemos, a partir dessas viradas epistemológicas, que isso só é possível de ser realizado seguindo as interlocutoras nas linhas do viver, penetrando e se deixando atravessar pelos fluxos e influxos, percebendo, aprendendo e acompanhando os processos de aprendizagens que, segundo Lave (2015), são constantes e dinâmicos e se dão nos emaranhados da vida social, cultural e política dessas mulheres. De acordo com Ingold (2015), nessa perspectiva ecológica, a observação deixa de ser o oposto da participação, e se torna condição para o conhecimento, pois o mundo que nos é dado a observar é um mundo em movimento. “Criaturas vivem na terra e não sobre ela” (Ingold 2015: 95). Assim, acompanhar as pescadoras no trabalho diário da pesca de captura, tem a ver também com o que Rita Segato nos diz sobre “lançar luz aos aspectos da transformação imposta às vidas que foram capturadas pela nova ordem colonial/moderna” (Segato 2012: 116).

Aprender a fazer pesquisa e aprender a pescar, é modificar a própria participação na prática (Lave 2015), ou seja, na mesma perspectiva de Ingold (2015), é preciso pensar com o corpo alinhado ao mundo com as linhas conectadas sempre em movimento, e assim, aprendemos conectados e afetados pelas vozes, olhares, atitudes, gestos, sons, cheiros, luzes, escuridão, silêncios, rangidos, temperaturas, ventos e movimentos variados. *Pesquisar e pescar* nos parecem categorias que estão na mesma trama. A experiência da pesquisadora, autora deste trabalho, no curso do trabalho de campo, traduz-se em uma experiência análoga a da pescadora, neste sentido, trata-se de uma experiência que é multissensorial (Pink 2009; Iared & Oliveira 2017) e multiespécie (Haraway 2016; Tsing 2015), pois trata de acompanhar e viver uma atividade de forma encarnada que envolve multidimensões de corporalidade e conexões com as materialidades do mundo mais que humano.

Seguindo por esta perspectiva, compartilhamos com a ideia de educação em Ingold:

[...] o primeiro lugar para encontrar a educação não está na pedagogia, mas na prática participativa: não nas formas como as pessoas e as coisas são simbolicamente representadas na sua ausência, mas nas formas como são apresentadas e, acima de tudo, como respondem umas às outras, nas correspondências da vida social. [...] (Ingold 2020: 37).

Pensar na prática educativa nesses termos se relaciona com um modo de fazer etnografia focado na observação participante, como defende Ingold (2020) e, portanto, a etnografia, enquanto método vinculado à reflexão antropológica, possibilita contribuir analiticamente para a pesquisa em Educação Ambiental, uma vez que oportuniza ultrapassar a proposição da EA enquanto *via de conscientização*, a qual entende os sujeitos como mero receptores de conhecimentos técnicos e que somente assim os tornariam sujeitos capazes de transformação. Essa proposição assimétrica traduz uma relação de aprendizado verticalizada acomodada em relações de poder (Adomilli et al. 2017), chocando-se, portanto, com a perspectiva antropológica e de educação que busque a construção dialógica do conhecimento. O que se pretende, a partir da observação participante, é promover uma Educação Ambiental aberta a aprender com outras pedagogias, outras formas de ser e estar no mundo, que acabam por subverter a ordem imposta pela sociedade moderna capitalista, de lógica patriarcal, exploratória e excludente.

Com base na premissa que a antropologia é educacional em sua constituição (Ingold 2020; Taddei & Gamboggi 2016), ela acaba por nos educar rumo ao processo de constituição de novas práticas de (re)aprender o mundo, uma vez que não estudamos as pessoas para as analisar, para torná-las objetos de investigação, estudamos com as pessoas para aprendermos com elas de tal maneira que juntos possamos forjar uma forma de viver para gerações seguintes.

Assim, a partir do *Oikos e Logos*, estudamos a pesca pela ótica da mulher pescadora e esse movimento alinha-se a proposta fenomenológica da chamada “virada corporal” (Sheets-Johnstone 2009), a qual prima pela percepção enquanto principal intermédio do corpo com o mundo. Essa virada paradigmática implicaria uma relação dialógica e integral/não fragmentária entre o ser humano e o mundo; a mulher, a lagoa e a pesca. Cria-se, desta forma, uma forte relação com princípios associados à justiça ambiental e à educação democrática.

O material etnográfico que trouxemos aqui, procura mostrar e refletir que pescadoras, camarões, peixes, lagoa, ventos, marés, embarcações e redes estão emaranhados numa atividade que tem como força a experiência na ambiência do lugar da pesca, considerando, a partir de uma perspectiva menos antropocêntrica, que os não humanos, não são apenas ativos, eles influenciam diretamente na maneira como os humanos se organizam na sociedade e na vida (Watts Powless 2017). Essa jornada constitui pescadoras e o mundo, sempre em mudança ao longo da existência.

Educação da atenção: aprendendo no mundo e com o mundo

Não há dúvida, as pessoas ensinam e aprendem por meio do diálogo e do compartilhamento de sentidos e experiências no mundo (Ingold 2020; Duarte, Sato & Pazos 2018). Educação, portanto, é entendida aqui para além da instituição escola e da ideia de transmissão do conhecimento, pois conforme Ingold (2020: 17) “educação é em realidade sobre atentar para as coisas e para o mundo”, assim, educação é uma prática de atenção, não de transmissão de representações. Sabemos que o conhecimento difere de cultura para cultura, assim como as instituições que possibilitam sua passagem de geração a geração, pensando desta forma, libertamos a pedagogia da instituição *Escola* e a recolocamos na experiência da vida. O processo educativo é, todavia, experiencial e relacional e, por isso, é situado. Nosso modo de habitar não está separado do nosso modo de conhecer e de perceber as coisas.

Somado a isso, segundo Merleau-Ponty (1996), essa percepção do mundo só pode se dar em nosso “corpo encarnado”, ou seja, o corpo integral e “incrustado” ao mundo. Compreender esse “corpo em primeira-pessoa”, ou seja, aqui no caso, esse corpo feminino da mulher pescadora, implica compreendê-lo na relação, ou seja, em movimento e, pelo movimento, ele se comunica, se expressa, cria, aprende e vive, engajado no e com o ambiente. Partindo de epistemes ecológicas e feministas, esse movimento não seria o pensamento de um movimento, porque não estamos diante do nosso corpo, nós somos o corpo; assim como não pensamos o espaço e o tempo, não estamos no espaço e no tempo, nós habitamos o espaço e o tempo, somos no espaço e no tempo. (Merleau-Ponty 1996 apud Rodrigues 2015: 309).

Para pensarmos esse engajamento mente-corpo-mundo, trazemos a experiência da autora, com a pescadora Márcia na pesca do camarão no estuário da Lagoa dos Patos. Márcia tem cinquenta anos e começou a pescar aos oito anos de idade. Aprendeu a pesca com seu pai e sua mãe, teve dois casamentos com pescadores, com quais trabalhava de igual para igual. Hoje é separada e de seus quatro filhos, três pescam. Márcia é uma pescadora muito experiente e desde 1985, de forma profissional/artesanal, pesca sozinha, com os filhos ou com o irmão. Ela é dona dos instrumentos de pesca e, especificamente, nesta pesca do camarão, estava acompanhada do irmão na embarcação de propriedade do mesmo. Márcia é uma mulher forte, luta diariamente pela sua autonomia e reconhecimento e possui grande conhecimento sobre a arte de pescar.

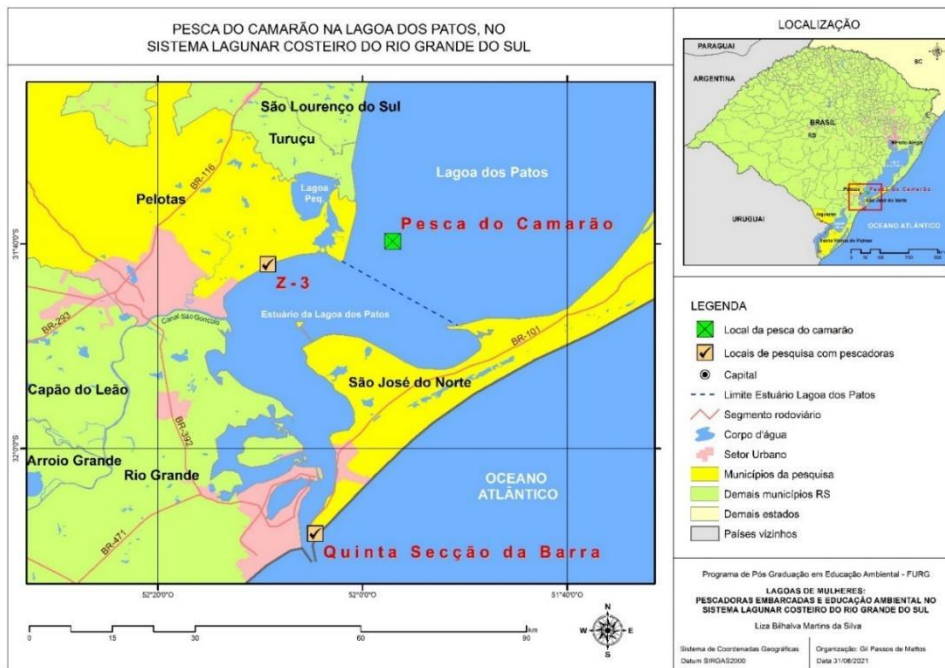


Figura 1⁴ Mapa do local da pesca do camarão no estuário da Lagoa dos Patos.

O mapa acima nos localiza no ambiente lagunar do estuário da Lagoa dos Patos, onde águas doces e salgadas se misturam formando um *habitat* diferenciado para várias espécies se desenvolverem e se reproduzirem, incluindo aqui as pescadoras e pescadores que vivem a maior parte do tempo de suas vidas nesses espaços, de forma embarcada, vivendo da/na pesca artesanal.

Também através do mapa, podemos localizar a Colônia Z-3, lugar de onde partimos, assim como a zona de pesca do camarão em que a pescadora Márcia ancorou sua embarcação. Esta zona é chamada pela comunidade de *Banco do Jacaré*. A experiência da observação participante na pesca do camarão se deu no final do verão do corrente ano, o mês era abril e a safra do camarão estava nos seus últimos esforços. Em dezembro o camarão vem do mar e entra no estuário para reprodução, por ali ele fica alguns meses e depois retorna para o oceano. Para respeitar o ciclo, a pesca da espécie só é permitida a partir do mês de fevereiro e geralmente se estende até março/abril.

Dependendo do período da safra o camarão ora se localiza no fundo da lagoa, ora está em cima (mais próximo da superfície), esse movimento do crustáceo faz variar a técnica empregada para capturá-lo. No momento da ida a campo (ou água!) a técnica empregada era pesca com rede de aviãozinho. Esta rede tem formato de um funil e é comumente chamada de rede de fundo, ou seja, ela tem chumbo na parte inferior, o que a faz repousar no fundo da lagoa

⁴ Todas as imagens do texto forma captadas pela autora em trabalho de campo.

e, na parte superior, tem boias para que ela flutue e se mantenha aberta. O Aviãozinho é a rede específica para pesca do camarão quando o mesmo está subindo para a superfície, cujo destino, são as águas oceânicas.



Figura 2 A pescadora Márcia e sua irmã colocando as redes aviãozinho na embarcação.

A safra nos anos anteriores apresentou pouca produção, diante disso pescadora e pescadores aproveitavam os últimos momentos para tentar uma boa pescaria. A imprevisibilidade e instabilidade contínua na pesca, somado ao desastre do esgotamento dos estoques pesqueiros advindo da pesca predatória nos mares brasileiros, são fatores que pescadoras e pescadores das águas litorâneas e interiores do Brasil têm que conviver. Efeitos meteorológicos e oceanográficos incidem na entrada do camarão nas águas interiores do estuário, onde condições climáticas favoráveis são fundamentais para se obter uma boa pesca. Um exemplo disso são os ventos e marés bem como o nível de salinização das águas, uma vez que se há muita chuva no período anterior à safra, a lagoa fica salobra e o camarão não aparece.

Preparando a pesca e a atenção

Na preparação para a pescaria, ainda em terra, a pescadora Márcia disse: “tem que aproveitar que a água não adoçou”, mas pontuou também que “quando tem muito mar⁵ não dá para sair, até porque depois não tem como safar, não dá para tirar o camarão do avião, e aí estraga né, tem que esperar calmar o vento para sair”. A fala da pescadora nos faz compreender

⁵ Quando tem “mar” significa que a lagoa está muito mexida, com muitas ondas.

que o seu sistema perceptivo está sintonizado para atentar a aspectos críticos do ambiente, em contraste com a percepção da novata pesquisadora na pesca. Nesse sentido é importante considerar que para haver educação, é preciso comunhão (Ingold 2020) através de esforços contínuos e implacáveis numa comunidade de práticas (Lave 2015).

Os lugares de pesca é outro fator importante para compreender o *sistema da pesca*. Segundo a perspectiva ingoldiana, um lugar é caracterizado pelas experiências que oferece, assim, pescadoras e pescadores, com finalidades produtivas, dividem o espaço lagunar em zonas de pesca, se situam nesse espaço aquático e tornam esse espaço praticado. A lagoa, portanto, é territorializada ao mesmo tempo em que é de propriedade coletiva. Nas zonas de pesca, também chamadas de *pesqueiros*, ou seja, unidades básicas de apropriação social do espaço aquático (Cordell 1989; Diegues 1999; Maldonado 2000), são fixadas *andanas*, nome dado para troncos de madeira, geralmente de eucalipto, fincados no fundo da lagoa onde as redes são amarradas.

Segundo a pescadora, essa apropriação do espaço aquático se dá de acordo com a antiguidade (tempo que a pescadora pesca naquele local) que dá direito a escolher o lugar para colocar as referidas *andanas*. Os melhores lugares de pesca, aqueles onde o camarão costuma fazer sua travessia, geralmente ficam com os mais velhos da localidade e suas famílias, se constitui um direito que é passado de geração a geração e mantido pela moral e pelo respeito.



Figura 3 Paisagem da lagoa com as andanas, redes, barcos e pescadores(as).

Todos os conhecimentos que envolvem o prognóstico da pesca, tais como: calendário/períodos de pesca, zonas/espacos para a captura e condições técnicas que envolvem essa atividade, antes de serem atribuídos pela capacidade cognitiva das pescadoras e

pescadores, são de fato, fruto do aprendizado situado, ou seja, de um conhecer no ambiente-mundo, conformando uma habilidade que elas e eles adquirem na prática com outras pescadoras e pescadores, com os ventos, com as chuvas, com o frio ou calor, com as marés, com a lua, com os camarões e as várias espécies de pescado e com os materiais da pesca, ou seja, a perspectiva das pescadoras e pescadores é, portanto, ecológica, é multiespécie (Haraway 2016), há comunicação mais que humana no mundo.

Nessa ambiência da pesca, pescadora, embarcação, redes aviãozinho, instrumentos de auxílio, lâmpadas, fios, óleo diesel, alimentos, roupas, GPS, celular e a pesquisadora, embarcaram para a pescaria do camarão. A partida se deu na direção norte/nordeste na lagoa, passando por diversos pesqueiros de camarão e tainha. A paisagem da lagoa emerge com redes de espera próprias para cada espécie e captura, por barcos grandes e pequenos e pelos pescadores e pescadoras. Em razão de nossas capacidades, só conseguimos enxergar o que fica sobre a água ou sobre a terra, diferentemente ocorre com a pescadora, que ao longo do caminho mostrava, para a pesquisadora, certas cenas que eram impossíveis de serem percebidas naquele momento inicial, como por exemplo, o movimento da tainha na água.

A educação da atenção (Ingold 2010) estava sendo iniciada naquele ambiente pela pesquisadora, mas já muito desenvolvida pela pescadora pela familiaridade com aquele todo que a rodeia, que desencadeia domínio prático, conhecimento e habilidades específicas. Habilidades que vão sendo incorporadas através da história da pescadora no ambiente, uma vez que os camarões, peixes e lagoa questionam a pescadora o tempo todo, eles despertam curiosidade e ação para que ela faça uma boa pesca e, assim, a pescadora é movida a responder. Nesse sentido Márcia diz: “eu joga a rede para ver se tem camarão, se não tem a gente vai para outro lugar, e assim vamos testando”. O conhecimento é, portanto, adquirido na convivência com o ambiente-mundo, bem como na percepção do todo e se desenvolve na medida em que novos fluxos de vida e relações vão sendo estabelecidos.

Experiência multiespécie e multissensorial

O saber da pescadora é biocósmico: terra-lagoa-céu, e permeado por diferentes tempos – terra (tempo de espera), lagoa (tempo de procura do pescado). Em terra, enquanto espera a pesca, a pescadora Márcia segue o ritmo do espaço doméstico e de seus afazeres, sempre atenta as previsões: “muito vento hoje, mas amanhã, se Deus quiser, melhora e vamos sair, não aguento mais ficar em casa”. Na lagoa ela segue os movimentos da natureza e das espécies.

Ventos, marés e lua incidem na náutica e na arte de pescar, são vidas emaranhadas (Ingold 2015) de humanos, não humanos, coisas e tempos no mundo.

Ingold, citando Dewey (2020: 22) nos diz que “a educação não pode ocorrer por transmissão direta, mas apenas indiretamente, por intermédio do ambiente”. E, no ambiente, a pescadora trata de lidar com a imprevisibilidade própria da pesca e ir em busca do camarão. A competência lhe guia através do cálculo e do conhecimento, que nada tem de aleatório, há extrema organização nesse trabalho. As manifestações naturais são extremamente observadas pela pescadora para sair para pescar e para permanecer embarcada, fases da lua, marés, estação do ano, fase da vida dos peixes e camarões, ventos, chuvas constituem parâmetro da pescadora entrar ou não em ação.

O espaço escolhido para ancorar a embarcação casa⁶ (de madeira, mede cerca de 10 metros e funciona à motor) é baseado em amplo conhecimento e percepção das condições climáticas e da lagoa. O GPS e o Sonar (instrumentos tecnológicos que a pescadora utiliza), auxiliam nesse momento mostrando a profundidade e o terreno em que a embarcação maior ficará. Essas tecnologias informam a pescadora sobre o ambiente marinho, são inovações trazidas pela modernidade que substituíram outras formas de lidar com o ambiente aquático, tais como a observação das estrelas.

A pesca nas andanas é realizada por meio de embarcações pequenas, chamadas de caícos ou lanchas. A bordo da embarcação menor (mede cerca de 3 metros) e com a utilização de remos de bambu, a pescadora se desloca até as andanas para a colocação das redes, dos fios de luz e da bateria que gera energia para as lâmpadas. O camarão é atraído pela luz que fica fixada nos paus das andanas e, assim, facilita a entrada do crustáceo na rede. Considerando todos esses materiais necessários e fundamentais para que a pesca aconteça, podemos pensar que não só as pessoas fazem coisas, as coisas também fazem as pessoas.

⁶ Nome que a autora deu para a embarcação maior onde a pescadora dorme, prepara a alimentação, guarda os apetrechos da pesca.



Figura 4 Embarcação casa.



Figura 5 Márcia, na embarcação/casa na preparação dos fios de luz.



Figura 6 Márcia no caíco com as redes rumo às andanas.

A vida da pesca é, portanto, multissensorial (Pink 2009; Iared & Oliveira 2017) e multiespécie (Haraway 2016; Tsing 2015), são regimes de conhecimentos que se produzem com o mundo e não sobre o mundo. A pescadora tem que estar conectada com seu corpo no ambiente e, na materialidade que lhe é próprio, para poder agir com ele. Ela precisa entender, como já foi dito anteriormente, a perspectiva do camarão (Carvalho 2014), bem como o movimento do vento e da maré para poder definir qual andanas irá utilizar, qual a posição das redes e o modo de colocá-las. Nesse sentido a pescadora esclarece: “o camarão é quem decide aonde eu vou pescar, porque as vezes ele dá mais para fora, mais pra cá, mais pra lá, pro lado da lagoa ou pra beira da praia”.

No percurso da beira da praia até as andanas a navegação se deu por três horas, nesse tempo a experiência multissensorial na pesca se revela e mostra que sem ela não há pesca, nem pescadora. Os riscos e incertezas inerentes a pesca são muitos e para não naufragar ou passar por alguma situação perigosa todos os sentidos precisam estar acionados: observação da lagoa, equilíbrio, escuta sensível, entre outros que são acionados quando necessário, como cheiro de diesel, barulho do motor, etc. Esse processo de aprendizagem foi estendido à pesquisadora durante toda a jornada, inclusive para que a mesma pudesse permanecer na atividade observada e praticada.

Manter o equilíbrio, controlar o ênjoo, observar a lagoa para pode fazer a leitura da mesma, entender a direção do vento, os cheiros, a temperatura, o som, conformam o que podemos chamar de habilidades desenvolvidas para pescar e navegar, ou seja, se trata mais de

conhecer através da prática, do que aplicar o conhecimento na prática, uma vez que tudo está em constante movimento e transformação (Ingold 2015). Não há como separar o *pensar – fazer* e o *sentir*. De acordo com Bateson (2000) a experiência do exterior está mediada por determinados órgãos sensoriais e vias neurais, ou seja, é subjetiva a experiência.

As redes de pesca e os fios com lâmpadas foram colocados assim que a embarcação ancorou na zona de pesca (por volta das 11h) e recolhidas no outro dia após o nascer do sol. A hora da retirada do camarão da rede é sempre nas primeiras horas da manhã, porque a noite, iluminada pelas lâmpadas, tem a função de atrair a atenção do camarão e, conseqüentemente, conduzir o crustáceo até a entrada da rede. A colocação das redes requer muita técnica e conhecimento, as mesmas são atadas nas andanas e empurradas para baixo para que a parte que carrega o chumbo fique encostada no fundo da lagoa. Os fios de luz também são colocados nesse momento, fixados nos paus de eucalipto, bem como a bateria que alimentará a energia das lâmpadas. Essa pescaria contou com quatorze redes.



Figura 7 Márcia prendendo a rede na andana

O sentimento de esperança faz parte da pesca e estava contido na pescadora Márcia que, considerando a observação das condições da lagoa, esperava puxar a rede com bastante camarão: “essa noite acho que rendeu, a lagoa está bem salgada e acho que vai dar camarão, bora puxar as redes.” O trabalho de puxar as redes é árduo. As redes, como já dito, são empurradas para fundo da lagoa e no momento de puxá-las, uma força imensa tem que ser exercida em razão da pressão que a água produz. Além de puxar a rede é preciso desatar os nós para que a rede se desprenda da andana. Desprendida da andana, ela é puxada e sacudida para que o camarão vá para o saco da rede. Toda essa sucessão de movimentos é realizada driblando

a força das ondas que, incessantemente, batiam na embarcação. A maré estava muito agitada, pois havia ventado muito na noite anterior e, assim, a única maneira de puxar as redes e se manter na embarcação era compondo movimentos rítmicos do corpo da pescadora (e da pesquisadora) com o movimento das ondas e da embarcação.

Donna Haraway (2016) e Anna Tsing (2015) nos ensinam que devemos *compor com* os outros humanos e não humanos, *estabelecer conexões, tornar-nos com eles* numa perspectiva de uma ecojustiça de multiespécies. Percebemos que assim a pescadora age, compondo com tudo que está ao seu redor, sendo atravessada por toda essa materialidade, num engajamento responsivo de todos os lados. Aprende o movimento da lagoa e dribla as ondas provocadas pela maré alta através do conhecimento náutico e do conhecimento do seu corpo; desenvolve habilidades para fixar as redes nas andanas, utilizando cordas de nylon enquanto seu corpo é jogado de um lado para outro na pequena embarcação de madeira; utiliza força e jeito para puxar a rede em meio a uma lagoa furiosa que não cansa de mexer; entende o vento para se equilibrar na embarcação no deslocamento entre andanas com auxílio do bambu; aprende com o camarão o lugar e o momento certo para capturá-lo.

Tudo isso é aprendido, praticado e inovado, pois como o ambiente sofre variação contínua, a pessoa varia em resposta a ele, e vice-versa. Nesse sentido a pescadora diz: “essa pesca não é fácil, tenho que fazer muita força e com a lagoa assim fica mais difícil, hoje foi assim, amanhã quem sabe a maré acalme e fique melhor, cada dia é um dia, o camarão precisa é entrar na rede”.



Figura 8 Márcia no caíco puxando a rede.

Ajustamentos rítmicos, sintonização multiespécies, percepções, coordenações, corresponsividades fazem o autor da pesca não ser a pescadora. Numa perspectiva ecológica e multiespécie o autor da pesca é o fluxo generativo dessas relações de mútua afecção. Essa é a ambiência da pesca, onde tudo age para que a mesma aconteça, num emaranhado em constante transformação de ciclos, materiais e corpos que se entretecem na malha da vida na pesca (Ingold 2015). Ser um(a) é torna-se com muitos(as), nos diz Donna Haraway, uma vez que nenhuma espécie age sozinha, existimos em arranjos de espécies orgânicas e de atores abióticos. Há sempre um devir-com, pois o humano não é uma espécie limitada, autoconstituente, ele é simpoiese, criação conjunta (Stengers 2018). A pescadora se faz até o fim na relação com lagoa e com os camarões.



Figura 9 Márcia retirando o camarão da rede.

Na perspectiva ecológica operamos um deslocamento da perspectiva humanista, através de não apenas reconhecer a diversidade cultural e levar em conta o ponto de vista do outro humano, mas ir para além disso, considerar o ponto de vista das coisas e dos organismos não humanos que habitam o mundo (Carvalho 2014). Tratamos, portanto, de ontologias simétricas que descontroem a grande divisão moderna que institui a natureza e a cultura como dois reinos ontológicos antagônicos. Diante dessa perspectiva, se mostrou impossível olhar para a pesca do camarão no estuário da Lagoa dos Patos e para a pescadora Márcia e não perceber que, para compreendê-las – *como fazem a pesca*, se faz necessário atentar para a relação que se coloca

entre todas as coisas do mundo da pesca, o emaranhado, a malha de fios vitais, como nos diz Ingold (2015) e Bateson (2000).

Considerações finais

Seguir a pescadora Márcia na pesca do camarão, se mostrou um bom caminho para compreendermos a mulher no mundo da pesca, bem como o mundo da pesca para a mulher, porque todo modo de saber é uma linha de vida distinta, uma trajetória biográfica. Para compreender e descrever esse breve passar na linha da vida da pescadora, por meio das perspectivas feministas e ecológicas, a pesquisadora com um corpo, assume, seu lugar na fronteira *entre-mundos* seguindo os caminhos nas relações de alteridade que permitem encontros e desencontros que animam o pensamento, reavivam os sentidos, descolonizam a visão (Nascimento 2019).

Nesse sentido, a experiência de campo nos auxilia a compreender que não há como separar o ser do conhecer/pensar, ou seja, epistemologia e ontologia são categorias sobrepostas. Podemos entender, a partir do material etnográfico, que a construção de ser pescadora se dá no e com o mundo e, portanto, é incessante, não para. O conhecimento da pescadora cresce e é cultivado na correspondência, não só de gerações sucessivas, mas também com a lagoa, camarões, peixes, barcos, redes, ventos e marés. O tornar-se pescadora, carrega em si muitos elementos e constitui-se num *dever humano com o mundo*. Sua mente e seu corpo feminino, engajados/misturados no ambiente com os não humanos e as coisas do mundo, onde os processos de aprendizagem, de criatividade e de improvisação acontecem, ou seja, nesse fluxo de conexões, que faz surgir a pescadora e a pesca.

Aprender fazendo, atentando as coisas do mundo e se misturando com elas, é o que permite que o todo se faça. Esse, no nosso entendimento, é o espaço específico da Educação Ambiental, uma vez que a educação está onde tem prática participativa e não nas formas como as pessoas são simbolicamente representadas. É preciso para isso, prestar a atenção para o lugar onde os fenômenos acontecem, que abarca a relação dos humanos com o meio de vida (oikos), a relação com o outro (processo de alteridade), e a relação de si consigo mesmo (construção da identidade).

O esforço aqui foi apresentar que a antropologia nos auxilia nesse processo, uma vez que a mesma é educacional em sua constituição. Ela nos educa, e, portanto, os princípios da antropologia são também os da educação, elas são congruentes. No fazer etnográfico aprendemos com a pescadora Márcia, com os camarões, com a lagoa e com as coisas da pesca,

construindo um processo de constituição de novas práticas, rumo à (re)aprender o mundo a partir do encontro e conexão com outras ontologias. Assim, atentando a observação para questões sociais, ecológicas, culturais, políticas e espirituais, construiremos caminhos que nos levem a substituir (des)envolvimento por envolvimento humano, não humano e as coisas do mundo.

Estarmos abertos a aprender com distintas cosmovisões, nos mostram e nos ensinam outras formas de ser e estar no mundo que lutam para subverter a ordem imposta pela sociedade moderna capitalista, de lógica patriarcal, exploratória, categorial e excludente. Pescar também é coisa de mulher e reconhecer essa diversidade, bem como a desigualdade nas formas de existir é, sobretudo, lutar por uma justiça ambiental e uma educação democrática.

Referências

- ADOMILLI, Gianpaolo; TEMPAS, Martin & LOPES, Raizza. 2017. “Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental”. *Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental*, 34(3): 226-244.
- ALENCAR, Edna F. 1991. *Pescadeiras, Companheiras e Perigosas*. A pesca feminina na Ilha de Lençóis. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília.
- ALENCAR, Edna F. 1993. “Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras”. In: L. G. Furtado; W. Leitão & A. Fiúza de Melo (orgs.), *Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia*. Belém: MPEG. pp. 63-81.
- BATESON, Gregory. 2000. *Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- BECK, Anamaria. 1991. “Pertence à Mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do Litoral de Santa Catarina”. *Revista de Ciências Humanas*, 7(10): 8-24.
- CORDELL, J. 1989. “Social Marginality and Sea Tenure in Bahia”. In: J. Cordell (ed.), *A Sea of Small Boats*. [TRAD]. Marginalidade Social e Apropriação Territorial Marítima na Bahia.
- CARVALHO, Isabel Cristina. 2014. “A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas”. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 9(1): 69-79.
- DIEGUES, A. C. 2000. “Navegando Pelas Montanhas: Pesca de Marcação e Mestrança em Galinhos, RN”. In: A. C. Diegues (ed.), *Imagem Das Águas*. São Paulo: Hucitec/Nupaub.
- DUARTE, Júlio Corrêa Dias; SATO, Michèle & PAZOS, Araceli. 2018. “A educação ambiental do caminhar”. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental*, 35(3): 94-113.
- HARAWAY, Donna. 2016. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, 3(5): 139-146.

- HOOKS, bell. 2019. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva.
- IARED, Valéria & DE OLIVEIRA, Haydée. 2017. “Walking ethnography para compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental”. *Ambiente & Sociedade*, 20(3): 99-116.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes.
- INGOLD, Tim. 2010. “Educação da atenção”. *Educação*, 33(1): 6-25.
- INGOLD, Tim. 2020. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes.
- LAVE, Jean. 2015. “Aprendizagem como/na prática”. *Horizontes Antropológicos*, 21(44).
- LORDE, Audre. 2019. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica.
- LUGONES, María. 2014. “Rumo a um feminismo descolonial”. *Estudos Feministas*, 22(3): 935-952.
- MALDONADO, S. C. 2020. “Caminho das Pedras: Percepção e Utilização do Espaço Na Pesca Simples”. In: A. C. Diegues (ed.), *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/Nupaub.
- MERLEAU-PONTY, M. 1996. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MOTTA MAUÉS, Maria Angélica. 1999. “Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil”. *Etnográfica*, 3(2): 377-399.
- NASCIMENTO, Silvana S. 2019. “O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima”. *Revista de Antropologia*, 62(2): 459-484.
- PINK, S. 2009. *Doing sensory ethnography*. London: SAGE.
- SEGATO, Rita Laura 2012. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial”. *e-cadernos CES [Online]*, 18. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533> Acesso em 30/04/2019.
- STEIL, Carlos Alberto & CARVALHO, Isabel. 2014. “Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito”. *Mana*, 20(1): 163-183.
- TADDEI, Renzo & GAMBOGGI, Ana Laura. 2016. “Educação, antropologia, ontologias”. *Educação. Pesquisa*, 42(1): 27-38.
- TSING, Anna. 2015. “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. *Revista Ilha*, 17(1): 177-201.

WATTS-POWLESS, Vanessa. 2017. “Lugar-pensamento indígena e agência de humanos e não humanos (a primeira mulher e a mulher céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!”). *Espaço ameríndio*, 11(1): 250-272.

WOORTMANN, Ellen F. 1992. “Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em ‘comunidades pesqueiras’ do Nordeste”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18: 41-60.